

A representação do feminino na arte como espaço de poder: uma proposta de educação pela imagem

Valquíria Batista da Rocha¹
Micheline Raquel de Barros²
Édina Aparecida Silva Enevan³

Resumo: Este artigo trata da representação do feminino na arte como espaço de poder e apresenta uma proposta de educação em equidade de gênero por meio do uso da imagem promovendo reflexões acerca do espaço que é e que pode ser ocupado por mulheres e refletindo como o sujeito mulher se vê como observada e observadora nas obras de Arte. A metodologia é a pesquisa exploratório-descritiva com análise qualitativa, a partir das obras de três mulheres artistas latino-americanas, sendo uma mexicana e duas brasileiras. Em educação, o uso da imagem produz identificação e reconhecimento do eu e do outro, influenciando sua forma de pensar, e, na construção/desconstrução e elaboração de novas formas de pensar a realidade. Desta forma, o uso da imagem produzida por mulheres poderá contribuir para a educação em equidade de gênero e a potencialização do feminino.

Palavras-chave: Arte, Educação, Equidade de Gênero, Feminino.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de educação em equidade de gênero por meio do uso da imagem, a fim de promover reflexões a respeito do espaço que é, e, que pode ser ocupado por mulheres. O tema envolve uma questão ética que é a defesa da dignidade da mulher, a busca pela garantia de direitos constitucionais e a presença feminina nos espaços de poder, pois a equidade nas relações de gênero, quando negada, é uma violação de Direitos Humanos das mulheres. Deste modo, a proposta atende ao 5º princípio da agenda 2030 da ONU para o desenvolvimento sustentável que prevê igualdade/equidade de gênero, e com base no artigo 206 da Constituição Brasileira que assegura o direito, a educação, para a igualdade/equidade e a diferença. Em 1994 na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, que aconteceu no Cairo, Egito, no princípio 4 do Programa de Ação que segue a conferência apresenta:

¹ Pós graduanda em Educação e Diversidade – Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Mestre em Bioética, graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica da Paraná (PUCPR). E-mail: valquiria201161@hotmail.com.

² Orientadora. Docente no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Campus Canoinhas. Mestre em Educação e Cultura, graduada em Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: micheline.barros@ifsc.edu.br.

³ Coorientadora. Docente do departamento de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: edinasilvaenevan@gmail.com.

O progresso na igualdade e equidade dos sexos, a emancipação da mulher, a eliminação de toda espécie de violência contra ela e a garantia de poder ela própria controlar sua fecundidade são pedras fundamentais de programas relacionados a população e desenvolvimento. Os direitos humanos da mulher e da menina são parte inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais. A plena e igual participação da mulher na vida civil, cultural, econômica, política e social, nos âmbitos nacional, regional e internacional, e a erradicação de todas as formas de discriminação com base no sexo são objetivos prioritários da comunidade internacional. (CAIRO, p. 42)

O Brasil é signatário dos Direitos Humanos e tem compromisso com a agenda 2030 da ONU, a qual, o objetivo número 5 é a igualdade de gênero. Na Base Nacional Comum Curricular - BNCC que tem norteado a educação brasileira, não está explícito como são trabalhadas as questões de gênero nas escolas, porém não é proibida sua discussão. De fato, a BNCC menciona que os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) que devem permitir ao aos estudantes a compreensão em torno de questões diversas, tais como a do: Meio ambiente (cuidar do planeta, a partir do território em que vive); Economia (administrar o seu dinheiro); Saúde (cuidar de sua saúde); Ciência e Tecnologia (usar as novas tecnologias digitais); e Multiculturalismo (entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres como cidadão), e que sua junção contribuem para a formação integral do estudante como ser humano.

No entanto, tal orientação não contempla aquela apresentada pelo PCNs que apresentava um tema transversal específico de Orientação sexual e apontavam para as discussões em torno da matriz da sexualidade, das relações de gênero e para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Portanto a atual proposta da BNCC representa um esvaziamento das discussões em torno do gênero. Dito de outra forma, a Base Nacional Comum Curricular destaca a importância dos TCTs quando menciona que: [...] cabe aos sistemas e redes de ensino. Assim como as escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. (BRASIL, 2017, p. 19).

Assim, o Plano Estadual de Santa Catarina amparado na LEI Nº 16.794, de 14 de dezembro de 2015 e que engloba do decênio de 2015 a 2024 poderá prever as formas de abordar o assunto.

Além disto, cada escola em seu Projeto Político Pedagógico, caso seja composto por uma gestão democrática, com a participação dos pais, alunos e comunidade, poderão criar projetos para atender a questão. No sentido de elaboração de um projeto de educação para a igualdade/equidade de gênero, existe um respaldo legal desde a criação da Lei nº 11.340,

sancionada em 7 de agosto de 2006 – responsável por criar mecanismos de defesa dos direitos humanos e da dignidade da mulher, também dar suporte para proteger qualquer pessoa vulnerável e que sofra violência em ambiente doméstico. Já no primeiro capítulo, a lei prevê a criação de campanhas educativas voltadas ao público escolar e a comunidade em geral, e em seu artigo IX dá “destaque, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, para os conteúdos relativos aos direitos humanos, à equidade de gênero e de raça ou etnia, e ao problema da violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006). Porém, mesmo depois de 15 anos de sua criação, a lei ainda está sendo aplicada mais no sentido de punir agressores e avançou pouco e lentamente no sentido de ser a base para se pensar em políticas e programas educativos para transformação da sociedade. Quando pensamos como a arte e as práticas transversais podem proporcionar espaços para a vivência da diversidade cultural, temos a colaboração das palavras de Bianchini (2018) ao registrar que:

Ora, por mais que as normas jurídicas ‘anunciem’ - no estrito âmbito do dever ser – um projeto ideal de sociedade, estas não se confundem com as medidas educacionais. O direito nunca poderá exercer o papel transformador que exercem a educação e a cultura, ao menos quando não manipulados pelo populismo político, (BIANCHINI, p. 16, 2018).

Neste sentido, o Brasil precisa avançar na elaboração de propostas educativas para combater a cultura patriarcal, por meio da educação e sensibilização da sociedade que ainda preserva uma cultura machista, sexista e violenta.

A motivação que leva à escrita do artigo relacionado é fruto das reflexões a partir do estudo de duas disciplinas, durante a Pós- Graduação em Educação e Diversidade no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC - Campus Canoinhas, 2019/2020. A primeira intitulada: “*Sujeitos da Diversidade: Pluralidade Cultural e Educação*” com objetivo de refletir sobre a identidade dos sujeitos da diversidade e a segunda, “*Educação Para as Relações de Gênero*”, com estudos sobre os desafios e avanços na busca para igualdade de gênero. Dados recentes do relatório sobre igualdade de 2020, do Fórum Econômico Mundial em Davos/Suíça, indicam que serão necessários aproximadamente 99 anos, se nada for mudado, para alcançar equidade de gênero no ambiente de trabalho.

Neste sentido, várias empresas estão assumindo compromissos para contribuir com igualdade e equidade de gênero. Para citar uma iniciativa as empresas estão utilizando currículo cego, na hora de selecionar seu pessoal. Além disso, é preciso considerar outros aspectos que também impactam nas desigualdades. Juntamente com as questões raciais, se faz necessário, teorizar sobre questões de gênero para além do “binarismo” masculino/feminino,

incluindo as identidades, pois, só assim será possível compreender toda a diversidade, neste sentido, (BUTLER, 2003) contribui com embasamento teórico para aprofundar a temática.

Inicialmente, a intenção seria fazer um mapeamento de nomes de mulheres que se destacaram na educação, e deram seus nomes para escolas da região do Planalto Norte Catarinense, propondo o conhecimento da biografia destas mulheres, seus rostos e suas convicções, a fim de inspirar outras mulheres, porém a pesquisa tornou-se inviável. Em meio ao isolamento social induzido pela pandemia do Covid-19, a ideia inicial foi repensada, e, a construção deste artigo terá por objetivo identificar a influência da arte nas teorias feministas e o estudo de algumas biografias de mulheres já consolidadas no mundo das artes.

Metodologia/ Fundamentação teórica

A metodologia é a pesquisa exploratório-descritiva com análise qualitativa, a partir da análise das obras de arte de mulheres consagradas no mundo da Arte, com a finalidade de promover reflexões a cerca do lugar da mulher como observada e observadora.

A abordagem da proposta, embora, aparentemente seja assunto amplamente discutido, ainda precisa ser evidenciada por meios de pesquisas científicas e apresentação de dados, sobretudo para indicar a relevância do tema e de que forma precisa ser trabalhado no âmbito educacional. A intenção é que seja abordado de forma transdisciplinar, mas, sobretudo no campo das linguagens, sempre com uma leitura crítica, pois a Arte retrata a História, Filosofia, Sociologia, Geografia, Política e Cultura.

Neste sentido, a Educação poderá promover a igualdade de gênero por meio da Arte e práticas transversais que proporcionam espaços para a vivência da diversidade cultural. Tal compreensão se mostrou presente em vários períodos da História da Arte, como foi para Frida⁴, sua vida e obras além de oferecerem grandes contribuições para uma abordagem inclusiva de gênero e sua maneira de pintar a própria vida, a colocam em um lugar de referência, pois, tornou-a ícone para o feminismo. A intensidade com que viveu suas experiências apontam formas concretas de gênero para além do masculino e feminino.

Assim como Frida que representou no México quando colocou em suas obras toda a essência do povo mexicano, Tarsila do Amaral, no Brasil, colocou aspectos da brasilidade que ainda hoje refletem a amplitude de seu trabalho. Se analisarmos em nível regional, não será

⁴ Frida Kahlo (1907-1954) foi uma pintora mexicana conhecida por seus autorretratos de inspiração surrealista e também por suas fotografias.

diferente com Vera Sabino⁵, pois a artista em suas telas sinaliza para a sensibilidade em retratar elementos bem regionais, em Florianópolis- SC.

A partir do estudo de artistas consagradas no mundo da Arte será possível elaborar uma proposta de educação com imagens para abordar o tema gênero de forma transversal por meio da disciplina de Artes.

A presença da obra de arte possui, na vida do sujeito leitor, várias possibilidades de manifestações. Um olhar sensível e aberto, “[...]”, é capaz de captar ainda que intuitivamente os sentidos que a obra de arte lhe disponibiliza. (BUORO, 2002, p. 237).

Ainda que o tema não seja contemplado na atual Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a escola poderá lançar mão destes registros para uma dinâmica educacional de busca pela igualdade de gênero, a fim de estender a representatividade das mulheres em outras esferas da sociedade, bem como da diversidade. Sendo assim, o tema poderá ser abordado em outras disciplinas e sem dúvida esse será um processo em longo prazo, pois, deve levar em conta as fragilidades e dificuldades na formação de professores.

A ampliação do universo cultural é, hoje, uma exigência colocada para a maioria dos profissionais. No caso dos professores, ela é mais importante ainda. (...) Muitos dos professores em formação, como sabemos, não têm acesso a livros, revistas, vídeos, filmes, produções culturais de naturezas diversas. A formação, geralmente, não se realiza em ambientes planejados para serem culturalmente ricos, permeando todos os espaços/tempos institucionais, incluindo leituras, discussões informais, troca de opiniões, participação em campanhas, movimentos ou empreendimentos sociais, debates sobre temas atuais, exposições, apresentações e tantas outras formas de manifestação cultural e profissional. Se a reforma da educação básica aponta para uma formação voltada à construção da cidadania, que incorpore o tratamento de questões sociais urgentes, isso não poderá ser realizado se os professores de todos os segmentos da escolaridade não tiverem uma sólida e ampla formação cultural, (BRASIL, 2000, p. 28).

A necessidade de incorporar novos elementos à formação dos professores se dá, não só pela urgência em prepará-los para novos desafios, mas também porque o aluno de hoje não é o mesmo de ontem. Diariamente, professores se deparam com situações recorrentes em salas de aula, surgem dúvidas, por exemplo, de: como agir quando duas crianças e adolescentes do mesmo sexo manifestam carinhos e afetos mútuos no ambiente escolar? Ou quando as meninas se interessam por jogar futebol? A necessidade da presença deste assunto no ambiente escolar é justamente, por ser na escola, um dos lugares onde mais se manifestam as diferenças na vivência e orientação de gênero, pois enquanto esta questão existir significa que

⁵ Artista Plástica de Florianópolis Santa Catarina tem preferência pelo folclore catarinense, além de contextualizar sua obra na cidade de Florianópolis. Autodidata, teve o primeiro contato com as tintas aos 8 anos de idade. Aos 14, ganhou o 1º lugar no Prêmio Desenho do Salão de Artes Plásticas para Novos, em Curitiba. Sua primeira exposição individual foi na Ilha de Santa Catarina, aos 18 anos.

existe pré-conceito, no ambiente escolar. Numa sociedade sem pré-conceito está questão perde sentido de existir.

A arte por meio das imagens poderá contribuir tanto com a superação de preconceitos seja de raça, classe, etnia e identidade de gênero, além de potencializar o empoderamento feminino e educar para as relações de gênero, a fim de responder aos seguintes questionamentos: Como mulheres artistas romperam com a lógica do lugar da mulher enquanto observadas nas obras de arte? E como elas passaram também a ocupar o lugar de observadoras, construindo de forma ativa, novas percepções da cultura e do lugar da mulher na sociedade?

É muito comum, atualmente, que influenciadores digitais, pessoas que tem reputação nas redes sociais, sejam procuradas por empresas e marcas que querem expandir seus negócios. Essa estratégia, faz com que seus milhões de seguidores adquiram àquele pensamento ou adquiram aquele produto. Da mesma forma, esse poder de influência já era usado no Pós-Guerra, e, Simone de Beauvoir⁶ foi influenciada pela simbologia que representava a atriz Brigitte Bardot⁷, só que o produto a ser vendido era a ideia de liberdade sexual. Isso foi um marco que contribuiu para o desenvolvimento de várias teorias feministas.

A crítica de Cindy Sherman⁸ conferiu a mulher um lugar de protagonista, de observada a observadora, sua grande contribuição foi justamente pela iniciativa de se apropriar do mesmo meio utilizado para reprimir a mulher, a mesma ideia inicial de que as imagens contribuiriam para a alienação das mulheres, corpo e sua sexualidade, foi substituída por teorias da representação como sintoma e significante, deslocando o foco para o empoderamento feminino. Com o uso da imagem, passou a promover debates sobre o espaço da mulher nos centros de poder. Com isso, a mulher passa a ocupar um espaço sendo ao mesmo tempo observada, mas também observadora nas artes visuais.

Passaram a assumir trabalhos que até então, eram desempenhados por homens. Neste contexto, surgiram às personagens deram vida às novas concepções dos papéis atribuídas às mulheres, e isso contribuiu com o desenvolvimento das novas representações sobre o papel da mulher na sociedade. Mas, nem sempre a mulher teve o mesmo lugar de destaque na arte, por muito tempo ela estava no lugar de observada.

⁶ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora francesa, filósofa existencialista, memorialista e feminista, considerada uma das maiores representantes do existencialismo na França.

⁷ É uma atriz e ativista francesa e iniciou sua carreira artística como cantora e modelo.

⁸ É uma fotógrafa e diretora de cinema norte-americana, mais conhecida por seus autorretratos conceituais, levantou questões importantes e desafiadoras sobre o papel e a representação das mulheres na sociedade, a mídia e a natureza da criação de arte.

Durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. Os interessados formavam-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde adquiriam os conhecimentos necessários para se tornarem artistas e, posteriormente, viverem de suas classes e das encomendas oficiais e privadas que, vez por outra, aconteciam. As poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadoras (SIMIONI, 2008, p. 29).

De acordo com o professor e historiador Leandro Karnal⁹, a mulher quando era mencionada na história, era sempre sobre a ótica dos homens. Antes mesmo da escrita, na Pré-história, a mulher já era retratada em obras de arte. A figura de deusa Vênus, de Willendorf, mostra que a mulher é para a cultura, o corpo.

Com isso, surgem os movimentos de mulheres, e assim surgem às primeiras teorias sobre as atribuições e frentes de atuação para homens e mulheres, a teoria de gênero nasce dentro dos movimentos feministas e, desde então, é um assunto recorrente em diversos espaços da sociedade. Diante da necessidade de assumir novos papéis, antes reservados aos homens, surgem questionamentos sobre o que era designado para mulheres. Até então: “Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa” (BEAUVOIR, 1980, p. 27).

As mulheres passaram a desempenhar tarefas reservadas aos homens, por uma necessidade, e não porque tiveram suas capacidades reconhecidas. Certamente, no cenário pós- guerra, com a necessidade de reconstrução, o interesse por mão de obra barata foi um sistema que ditou as regras. Isso tem reflexo no reconhecimento pelo trabalho das mulheres até o período considerado pós-moderno. O filme *As sufragistas* (GAVRON, 2015), retrata bem este cenário. Para a filósofa Beauvoir (1970), esse sistema capitalista que se utiliza do trabalho e da mão de obra barata da mulher:

Em muitos ofícios, seu salário é inferior ao do homem; suas tarefas são menos especializadas e, portanto, menos bem pagas que as de um operário qualificado e, em igualdade de condições, ela é menos bem remunerada (BEAUVOIR, 1970, p.174).

O fato das mulheres adentrarem para um mundo antes desconhecido, fez com que até a maneira de lidar com a maternidade fosse repensada, pois para estar livre e desempenhar tarefas fora de casa, era preciso controlar até mesmo a reprodução. Com o advento dos métodos contraceptivos, em larga escala, veio à chamada revolução sexual, agora era permitido também às mulheres ter relações sexuais sem a obrigação de gerar filhos. Era

⁹ Historiador, professor e escritor brasileiro.

permitido e até incentivado o controle da natalidade, (ROCHA-COUTINHO, 1994, 1998, 2005).

Beauvoir, (1980), defende a realização da mulher também no mercado de trabalho, não só pela liberdade sexual que as mulheres lutaram, elas lutam e ainda precisam conquistar a liberdade econômica, conquistar lugar nos espaços de poder. Elas querem e precisam estar nos lugares onde são criadas as leis para defender aqui o que é inerente às suas reais necessidades, assim elas estão fazendo nas Artes, nas Ciências e na Política, mas ainda de forma muito tímida, porém sempre avante.

Análise de dados/discussão e resultados

Na análise e discussão que seguem, serão apresentadas as obras de três mulheres propondo três escalas global, nacional e regional. São elas: Frida Kahlo, Tarsila do Amaral e Vera Sabino.

Para começar, uma mulher que transformou a própria vida através da arte. Nascida em 1907, Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón ignorou sua certidão de nascimento, e preferiu adotar 1910, ano da revolução mexicana, como sua chegada ao mundo, junto com o Novo México. Na juventude, também preferiu retirar o “E” de seu nome do meio, passando de Frieda, que significa paz, mas é de origem alemã, para Frida, em razão da ascensão do nazismo:

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, terceira filha de Guillermo e Matilde Kahlo, nasceu em 6 de julho de 1907, às oito e meia da manhã, em plena estação das chuvas de verão, quando o alto platô da Cidade do México fica abafado e úmido. Os primeiros dois nomes foram dados a Frida para que ela pudesse ser batizada com um nome cristão. Seu terceiro nome, o que a família usava, significa “paz” em alemão (embora em sua certidão de nascimento conste a grafia “Frida”, o nome da pintora foi escrito com um e — Frieda —, à moda alemã, até o final da década de 1930, quando ela abandonou a letra por causa da ascensão do nazismo na Alemanha). Pouco depois do nascimento de Frida, sua mãe caiu doente e durante certo período a menina foi amamentada por uma ama de leite indígena. “Fui amamentada por uma ama indígena cujos peitos eram lavados toda vez que me dava de mamar”, ela contou, orgulhosa, a uma amiga. Frida pintou uma tela em que a ama de leite aparece como a personificação de sua herança mexicana — a artista, com as feições de adulta e corpo de recém-nascida, aparece no colo da nutriz, mamando em seu seio (HERRERA, 2011, p. 22).

Frida, quando adolescente, vestiu-se de homem para uma foto de família, e seu pai tratou isso com naturalidade e de forma descontraída, pois de certa forma era uma maneira da filha realizar a vontade do pai de ver um filho, “homem”, ele que só foi pai de meninas. Mas de todas as filhas, Frida era a parecida e mais apegada com seu pai, ela o acompanhava em muitos trabalhos com fotografias e isso acabou contribuindo para a filha desenvolver um olhar

atento aos detalhes de uma imagem. Já neste período, Frida parecia sinalizar que seria uma mulher da resistência, disposta a quebrar paradigmas, observa-se que o contexto em que é delimitada a pesquisa contém muitas desigualdades de todas as formas para a maioria das mulheres.

FIGURA 1 – Frida e família.



Fotografia de Guillermo Kahlo, 1926. Fonte: (HERRERA, 2011, p.507).

Na imagem:

Frida (de pé, à esquerda, usando terno masculino) com membros da família. Na fileira de trás, a partir da esquerda: sua tia, a irmã Adriana, o marido de Adriana, Alberto Veraza; na fileira do meio: seu tio, sua mãe, sua sobrinha Carmen; na fileira da frente: Carlos Veraza, Cristina (HERRERA, 2011, p. 507).

Frida mesmo fazer alusão ao feminismo e a comunidade LGBTQIA+, tornou-se ícone para ambas, foi Frida Kahlo, mulher mexicana, tornou-se uma das artistas mais conhecidas no planeta, fez de sua vida uma obra de arte. Ela era abertamente bissexual, segundo Herrera (2011), seu primeiro envolvimento homoafetivo, foi quando buscou uma vaga de emprego na secretaria de educação, uma atendente a seduziu, mas antes ainda desta experiência:

Frida apostava cara ou coroa com os mascates — ela nunca perdia —, e ganhava doces; com isso, adquiriu a astúcia das ruas. Às vezes, Ángel Salas ia com elas ao Jardim Loretto; lá Frida tirava seu chapéu de Cachucha e “mendigava”, enquanto Ángel tocava violino (HERRERA, 2011, p.44).

Frida enfrentou desafios de tequila contra homens, fugiu dos estereótipos de gênero, teve relacionamentos com mulheres, no entanto, Kahlo era casada com Diego Rivera:

Ela se apaixonou por Diego Rivera durante seus anos na Preparatória. Uma vez, um grupo de alunas estava numa sorveteria, discutindo suas ambições na vida, e Frida supostamente teria se saído com uma declaração surpreendente: “Minha ambição é ter um filho de Diego Rivera[91]. E um dia vou dizer isso a ele”. Quando Adelina Zendejas[92] questionou sua escolha[93], alegando que Diego era um “barrigudo, imundo e horrivelmente feio”, ela respondeu: “Diego é tão gentil, tão terno, tão sábio, tão doce. Eu daria banho nele e o limparia”. E teria um filho dele “assim que eu o convencer a cooperar (HERRERA, 2011, p. 57).

Frida coloca na centralidade de sua arte experiências concreta de mulheres reais, optou por pintar a realidade nua e estampada que tantas mulheres enfrentam. Neste sentido, ao abrir espaço para temas antes não retratados, coloca em evidência a necessidade de democratização dos espaços de visibilidade de questões relacionadas à mulher.

[...] quando falamos de visualidades, nos referimos a um processo de sedução, rejeição e cooptação que se desenvolve a partir de imagens. Esse processo tem sua origem na experiência visual como uma espécie de cosmos imagético que nos envolve ao mesmo tempo em que nos assedia, sugerindo e até mesmo fazendo links com nossos repertórios individuais. Esses repertórios individuais incluem imagens de infância, de família, de amores, conflitos, acasos, azares e dissabores. (MARTINS; TOURINHO, 2012, p.34).

A autenticidade de Frida permitiu a quebra de tabus ao retratar o tema/experiência, aborto, aborto espontâneo, parto e amamentação. Mais adiante iremos ver a mesma dinâmica nas obras de outras mulheres e temas pertinentes que em educação são possíveis de serem articulados e pensados a partir de imagens e outras Artes visuais.

FIGURA 2 – Frida no Hospital.



Hospital Henry Ford, Frida Kahlo, 1932. Fonte: (HERRERA, 2011, p.541).

Frida descobriu a forma de pintar a dor, ela se tornou a primeira mulher ao colocar em uma tela a dor da perda da gravidez em aborto espontâneo por duas vezes.

Frida fez um cuidadoso estudo a lápis do feto masculino. Os dois outros desenhos a lápis que provavelmente Frida fez no mesmo momento — e que são mais surrealistas e fantasiosos do que qualquer outra coisa que ela já tinha feito antes — mostram Kahlo adormecida na cama rodeada de estranhas imagens que representam seus sonhos ou talvez as visões fugazes resultantes do efeito da anestesia, e presas à cabeça dela por fios compridos e enrolados. Aparentemente feitas por meio da técnica surrealista do “automatismo”, as imagens parecem ter brotado por livre associação — uma mão com raízes, um pé que parece um tubérculo, prédios da cidade, o rosto de Diego. Em um dos desenhos, Frida jaz nua por cima das cobertas. Seus cabelos compridos desabam da cama e metamorfoseiam-se em uma trama de raízes que se arrastam pelo chão. (HERRERA, 2011, p.166).

A vida de Frida é vivida em ciclos. Difícil resumir sua história em poucas páginas assim como é impossível separar sua vida e arte. Como mulher protagonista se coloca nua para ser observada, porém, a nudez retrata toda a realidade que envolve o feminino, para além do corpo sensual, a mulher precisa ser vista como aquela que dá a luz e assim abre espaço para toda questão que envolve a saúde reprodutiva. Devido às sequelas do grave acidente que sofreu, tomava morfina e se viciou em analgésico até o fim da vida. Por outro lado, muitas situações sobre as quais Frida se submeteu, só podem ser compreendidas pela ótica do amor incondicional em que ela parece perdoar todas as traições de Diego. Em situações distintas de sua vida, os homens assim como mulheres, serviram de inspiração para sua arte, o mais notável entre eles, foi Diego Rivera. Seu amor até o último dia de vida foi sua grande inspiração, para pintar a obra o abraço amoroso do universo.

FIGURA 3 – Frida e Diego.



O abraço amoroso do universo, a Terra (México), Diego, eu e senõr Xolotl, 1949. Fonte: (HERRERA, 2011, p.624).

No Brasil, a artista que inspira não só mulheres, mas também serviu de inspiração para novos movimentos ideológicos e políticos é Tarsila do Amaral, suas obras são organizadas em períodos bem distintos.

Tarsila do Amaral nasceu em 1º de setembro de 1886 no interior de São Paulo. Seu pai José Estanislau do Amaral e Lydia Dias de Aguiar do Amaral. Filha de fazendeiros vive com a família na Fazenda. Em 1898 muda-se para São Paulo e estuda no Colégio Sion em 1901. Em 1902 ingressa no colégio Sacré- Coueur de Barcelona, Espanha lá tem sua primeira experiência com pintura. No Brasil, em 1904 casa-se e reside na Fazenda São Bernardo, ali nasce sua filha Dulce. Em 1913 separa-se do marido e muda para São Paulo. Entre 1922-1924 viaja pela Espanha e pela Inglaterra. De volta ao Brasil entre os anos de 1924 e 1926. Inicia sua pintura na faze Pau-Brasil e casa-se com Osvaldo de Andrade em São Paulo. Em 1900 ‘Abaporu’ que dá origem ao movimento antropofágico e em 1933, inaugura-se fase social. Em 1906 realiza se a mostra retrospectiva Tarsila: 50 anos de pintura. Falece em 17 de janeiro, em São Paulo, 1973, (RIBEIRO p.23, 2013)

A militância de Tarsila permeia toda sua trajetória, desde suas conferências na década de 30 em favor das mulheres contra a guerra, até suas últimas obras classificadas como o breve período social em que compreende a Operários, 1933 - (RIBEIRO p.84, 2013) e Costureiras, 1950 - (RIBEIRO p.88, 2013):

FIGURA 4 – Operários.



1933, 150 x 205 cm Óleo – dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.

FIGURA 5 – Costureiras.



1950, 73, 3 x 100,2 cm Óleo - Acervo Acervo dos Palácios do Governo Estado de São Paulo.

De acordo com Amaral (2019), o periódico local *Justicia* publicou a notícia da participação de Tarsila com fotos e comentários:

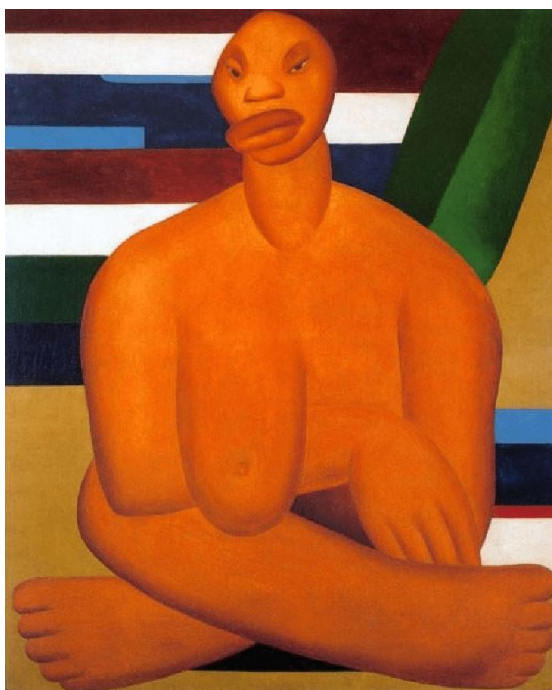
Tarsila fez uma conferência no dia 7 de março de 1933 intitulada “A mulher na luta contra a guerra”, e em 9 de março o *Justicia* registrou: “ A delegada brasileira e conhecida pintora leu uma interessante conferência sobre a mulher e a guerra. (...) Relatou acontecimentos que ocorreram durante a

última luta armada no Brasil e logo passou a se referir à situação da mulher na União Soviética. (...) Falou da militarização das mulheres na França e no Brasil através dos planos Boncour e Góes Monteiro, respectivamente, e terminou fazendo um caloroso apelo às mulheres operárias, camponesas e intelectuais para que participassem das grandes ações de luta contra a guerra. Foi amplamente aplaudida, (AMARAL, p. 15, 2019).

Vale lembrar que o Exército Brasileiro teve a participação feminina na guerra, de forma declarada, somente em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, ano em que as mulheres oficialmente ingressaram no Exército (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017). De modo especial duas obras: A Negra de 1923, Abaporu, 1928, isso porque depois de algum tempo, ela usa as duas para fazer uma terceira obra, Antropofagia, 1929, influenciando assim, o nascimento do movimento Antropofágico.

Na obra A Negra, Tarsila retrata a experiência de sua infância, além de trazer à memória sua ama de leite, evidencia o regime escravocrata da época. Foi à primeira pintura em que o negro é retratado com tanta força. Muito parecida com a experiência de Frida Kahlo, que também teve uma ama de leite e mais tarde pintou a ama indígena.

FIGURA 6 – A Negra de Tarsila do Amaral.



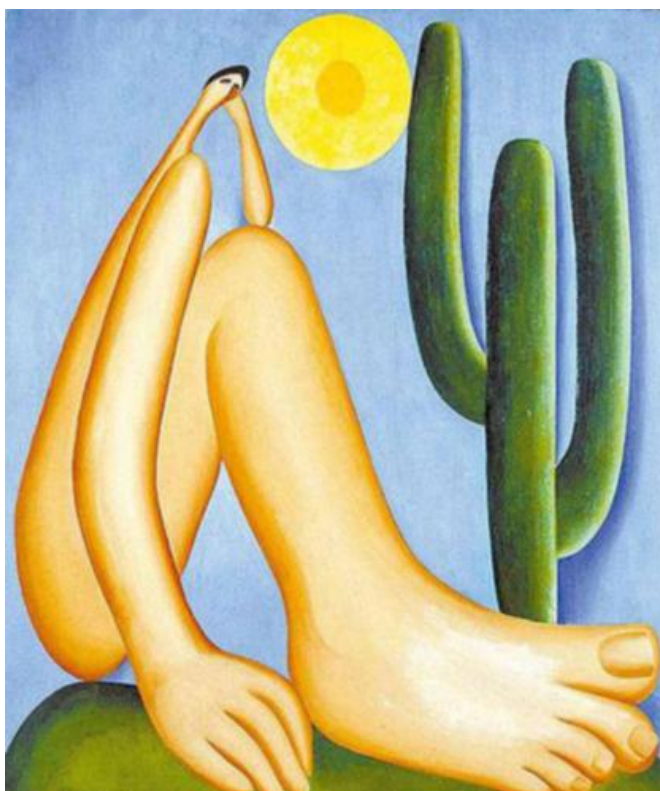
A Negra, 1923 / 100 x 81,3 cm / Óleo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, (RIBEIRO, 2013)

A partir dessa obra é possível discutir em sala de aula a intersecção entre gênero, raça e classe, pela representação visual da mulher negra ama de leite no Brasil colônia. Muito parecida com a experiência de Frida Kahlo, que também teve uma ama de leite e mais tarde pintou a ama indígena.

Na pintura A Negra de Tarsila, a figura está com os ombros caídos e isso é bem proposital para Tarsila, aqui ela já está indicando a crítica social e retratando o peso do trabalho atribuído aos negros, que foram a base da construção desse país. Técnica que irá reutilizar três anos mais tarde para fazer uma nova leitura de realidade, ao fazer a junção da obra A Negra com Abaporu.

E na obra Abaporu a artista já sinaliza os traços tipicamente nacionais e foi presente de Tarsila para seu marido com quem compartilhava a convicção de assimilar a cultura estrangeira de modo à torna - lá uma forma de arte tipicamente nacional.

FIGURA 7 – Abaporu.



Abaporu, 1928 / 85x 73 cm / Óleo do Museu de Arte Latino-americano de Buenos Aires – Fundación Costantini (Argentina) Fonte: (RIBEIRO, 2013)

Já na figura – 8 que segue, aparece a Antropofagia e a artista de forma orquestrada, faz uma junção das duas obras citadas anteriormente, e, em nova tela, retrata os ancestrais com o sol que brilha para africanos e índios em cores vívidas. Uma mulher que viveu em um tempo em que se esperava das mulheres que se tome conta do lar e outros afazeres restritos a casa e os cuidados da família, mas Tarsila protagoniza uma nova realidade, ela cria para si outro universo e como suas obras retratam e enaltecem a cultura do Brasil, abrindo assim caminhos para outras mulheres.

FIGURA 8 – Antropofagia.



Antropofagia, 1929 / 126x 142 cm / Óleo sobre tela Acervo da Fundação José e Paulina Nemirovsky (São Paulo), Fonte: (RIBEIRO, 2013)

Ainda de acordo Amaral, (2019), na ocasião da conferência o muralista mexicano David Alfaro Siqueiros, acompanhado de Blanca Luz Brum, trouxeram duas fotografias de Frida Kahlo, com dedicatória à Tarsila, e que segundo a pesquisadora, as artistas nunca se conheceram pessoalmente.

Contudo, só em 1960 que é feito o primeiro mapeamento da biografia de Tarsila, por outra mulher. Assim se evidencia a sensibilidade das mulheres, o olhar de observadoras, das e nas obras de arte, os homens são inspiração para as obras de Tarsila, assim como Diego foi para Frida. O presente de Tarsila com a pintura de Abaporu para Osvaldo de Andrade serviu para criação do movimento modernista.

Em Santa Catarina, a mulher que através de sua arte mostra a intuição feminina e amor à terra em que nasceu, é Vera Sabino. A artista é considerada ícone da cultura regional, sua linguagem comunica o regionalismo cultural tendo presente aquilo que é inerente e próprio do lugar, local, natureza, religiosidade e feminino.

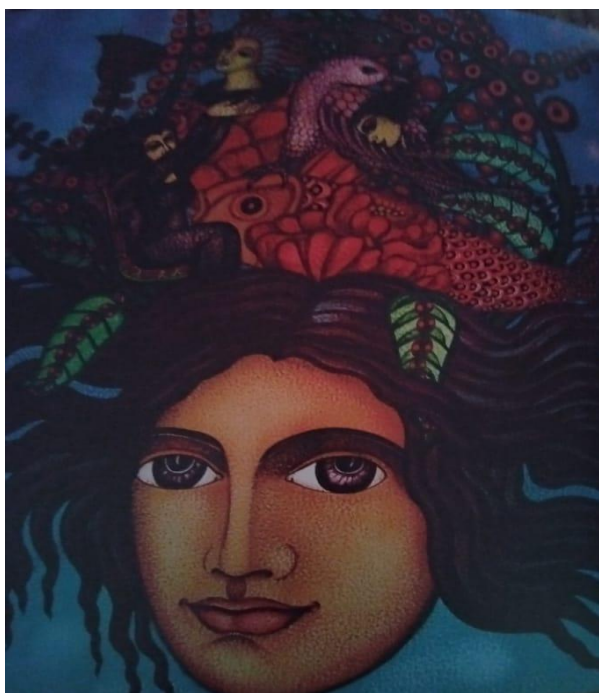
Contemporânea, nascida em Florianópolis no ano de 1949, foi morar em Brasília nos anos de 1960 até 1966. Entre os anos de 1966 e 1968, com sua família mudou-se para o Rio de Janeiro. Voltou para Brasília e casou-se com Ricardo James Saunders da Silva,

publicitário. De acordo com Barros, (2011), “no período de 70 e 72, Vera residiu novamente no Rio de Janeiro, foi quando experimentou o ensino de Arte em um ateliê de uma amiga e artista, Marlene Barreiros”. De acordo com pesquisadora:

Em 1966, foi para o Rio de Janeiro e cursou o ensino médio no Colégio de Aplicação da Antiga Universidade Estadual da Guanabara. A certeza por sua escolha pela Arte a fez abandonar o colegial aos dezesseis anos. Depois de muitas fugas das propostas de estudos em secretariado e o curso superior em Belas Artes, conseguiu de seu pai a aprovação para abandonar os estudos e se dedicar somente a sua produção artística, (BARROS, 2011, p.31).

Ainda segundo Barros, (2011), o primeiro casamento finalizou em 1982. “Aos trinta anos, a artista casou-se com Semy Machado Braga, médico legista, escritor e artista plástico”. Atualmente mora em Florianópolis. Casada com o poeta Semy Braga. Suas obras são um convite ao próprio interior.

FIGURA 9 – As multifaces de Vera Sabino.



Série Vozes da Poesia / Do Sonho (1) Poema de Lindolf Bell, 2008. / Acrílica sobre Eucatex / 40 x 50cm / Coleção particular, Fonte: (BARROS, p 66, 2011).

Vera Sabino é o exemplo de mulher contemporânea que busca sua independência em todos os sentidos, busca seu espaço na arte, sua independência financeira e econômica, mas busca assegurar e valorizar uma identidade local, isso é retratado nas multifaces de Vera.

Percebe-se a semelhança entre os rostos que a artista pinta, assim elenquei algumas rostos pintados por Vera, algumas vezes jovem, outras vezes insinuante, serena, mística, em êxtase, ou simplesmente a exhibir-se em tela para ser olhada, (BARROS, p. 126, 2011).

Nas multifaces é retratada a sereia, a rendeira, a mãe santa, a bruxa, a festeira, todas essas figuras fazem referência ao lugar da mulher, isso em uma única obra, mas essas figuras perpassam toda sua trajetória.

Em seu autorretrato, assim como Frida e Tarsila, Vera tem uma relação amorosa e de cumplicidade com seu amado que mostra a mulher empoderada, o feminino sem competição e/ou rivalidade. Existe um equilíbrio entre o feminino e masculino que se complementam.

FIGURA 10 – Vera e o Marido Semy.



Autorretrato, 1997 / Acrílica sobre eucatex / 100 x 70 / Acervo da artista, Fonte: (BARROS, 2011, p. 153).

A sensibilidade de mulher intuitiva que quer observar e ser observadora está explícita nos olhos vivos, grandes e sedutores que caracterizam as pinturas de Vera. Suas obras são majoritariamente compostas de natureza como cenário em temática, que contemplam religiosidade, feminino, local e natureza, (BARROS, 2011).

O mesmo aspecto maternal que apareceu em Frida ao pintar o abraço amoroso do universo com Diego, aparece no abraço de Vera Sabino e o esposo Semy, isso é próprio da mulher, porque foi conferido com a ancestralidade e a separação de tarefas, mas é também um

ato de humanidade que pode ser exercido por homens sem que isso seja motivo de piada ou constrangimento. De acordo com Jung (1995), ao definir os arquétipos Anima como o lado feminino da psique masculina, e, Animus compõe o lado masculino da psique feminina, afirma que todas as pessoas têm tanto aspectos masculinos, quanto femininos em sua psique, (JUNG, 1995 p. 177). Com isso, Cruz (2013), defende que:

Tanto o homem quanto a mulher desenvolveram seu arquétipo Anima e Animus pelo relacionamento continuado com mulheres e com homens durante muitas gerações. Para que a personalidade fique bem ajustada é necessário um equilíbrio entre Anima e Animus, ou seja: o lado feminino da personalidade do homem e o lado masculino da personalidade da mulher devem poder ser expressos na consciência e nas atitudes. (CRUZ, 2013, p. 11).

Atualmente, há um movimento interno acontecendo e que poderá ser aprimorado e ensinado nas construções de novos papéis que é justamente esse equilíbrio entre o masculino e feminino, assim como as mulheres avançam na busca por conquistar novos espaços em lugares de poder e destaque, é preciso que os homens avancem na busca por espaços de afeto, carinho e cuidado, é preciso que as mulheres compartilhem mais esses espaços com os homens. Para que essa consciência aumente é preciso ensinar pelas atitudes. Essa é uma educação que precisa ser ensinada numa via de mão dupla, dentro de um Projeto Político pedagógico com participação e professores, pais alunos e comunidade. Assim todos saberão qual a maneira de conduzir a questão citada no início do texto sobre aqueles momentos em que meninos e meninas manifestam carinho e afeto no ambiente escolar, os profissionais da educação precisam estar preparados para essa educação para auxiliar na superação dos estereótipos, dos mitos e dos preconceitos.

Assim como é ensinada a menina a ser carinhosa, delicada, cuidadosa, é preciso que seja ensinado aos meninos. Muitas crianças entram para o sistema educacional ainda no berçário e saem só no ensino superior, quando tem acesso. Essas crianças têm a casa como um dormitório, pois, os pais as deixam às 7hs da manhã na porta da escola e só pegam no final do dia, se a escola não realizar essas orientações não terá quem faça. Mesmo quando estão em casa no final do dia, muitas crianças não tem o tempo necessário para essas vivências. Neste sentido, é preciso sim ter presente o ensino de gênero no ambiente escolar.

Considerações finais

Há um dever ético em educar para igualdade nas relações de gênero, além do reconhecimento da sua dignidade, o empoderamento da mulher é uma forma de garantia da continuidade da vida no planeta, além de contribuir com o desenvolvimento sustentável.

Sobre as artistas estudadas, a ousadia em colocá-las no mesmo plano tem mais haver com suas figuras enquanto mulheres protagonistas, do que com suas obras propriamente ditas, e de certa forma não poderia ser diferente, até porque suas obras refletem sua história de luta e superação. Ambas rompem com o lugar da mulher, de observada a observadora nas obras de arte. Suas formas de construir arte são capazes de transformarem toda uma cultura.

Houve um tempo em que as mulheres eram proibidas de cantar na igreja. Atualmente ainda as mulheres precisam fazer esforço para ocuparem lugares, terem voz e serem ouvidas.

O contato com a obra de Frida contribui para o entendimento sobre o lugar da mulher na arte e na vida, bem como olhar o diferente e se reconhecer igual na diferença. Não é todo dia que a casa de uma mulher se transforma em museu, mas é esse o legado de Kahlo, nasceu, casou-se e morreu na mesma casa azul, e três anos depois de sua morte, sua casa é consagrada em museu, não só para os íntimos, mas é referência e considerado o maior em toda a América Latina.

Tarsila do Amaral sem dúvida é conhecida mundialmente, mas ainda no Brasil há muito a ser explorado de sua contribuição, existem muitos aspectos da brasilidade que ela colocou em suas obras e que a mulher brasileira poderia lançar mão e se apropriar disso como um patrimônio da cultura brasileira. Em muitas situações o povo brasileiro de modo geral, deixa de lado ou não valoriza, até por falta de conhecimento, aquilo que é de sua cultura e busca se inspirar em elementos quase que sempre da cultura europeia e americana. Isso não é desprezar o que é de fora, mas é mais uma forma de se apropriar da cultura local.

Neste sentido, um trabalho fundamental, principalmente em Santa Catarina é a contribuição de Vera Sabino, muitos elementos da cultura local e regional são retratados em suas obras, desde a ilha e outros aspectos próprios do lugar, a natureza, bem como a religiosidade, são elementos que caracterizam e conferem uma identidade.

Em educação, o uso da imagem será sempre uma maneira de fazer com que os indivíduos se reconheçam e se afirmem, é algo que faz parte do cotidiano das pessoas e influenciam suas formas de pensar, e, na elaboração do pensamento crítico, na

construção/desconstrução das ideias. Dito de outra forma, o uso da imagem, atualmente, poderá contribuir para a educação em igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

E por fim, a educação/formação artística e cultural é um direito constitucional e que precisa ser garantido, o consumo da arte não é acessível a todos, existe uma desigualdade que precisa ser superada por meio de políticas educacionais, e que atendam às necessidades de grande parcela da população brasileira.

REFERÊNCIAS

AS SUFRAGISTAS. Sarah Gavron. Reino Unido: Universidade Pictures, 2015. (106). Colorido. Título original: Suffragette.

AMARAL, Aracy A. Tarsila: sua obra e seu tempo/Aracy A. Amaral. – São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010 (4ª Edição). 528p. (1ª Reimpressão – 2019).

BARTHES, Roland. Mitologias. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1987.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: Mitos e fatos**. v. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, **2017**.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL: MEC, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>> Acesso em: 16/04/2021.

BRASIL, LEI Nº. 11.340, (**Lei Maria da Penha**). CAMPOS, Amini Haddad; CORRÊA, Lindinalva Rodrigues. 7 de agosto de 2006,

BRASIL, LEI Nº 16.794. O Plano de Educação. 14 de dezembro de 2015.

BARROS, Micheline. **Vera Sabino Intuição e Arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2011.

BIANCHINI, Alice. Lei nº 11.340/2006: Aspectos assistenciais, protetivos e criminais da violência de gênero. 4ª Edição. São Paulo: **Saraiva Educação**, 2018.

CAIRO. Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento- Plataforma de Cairo - 1994. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/relatorio-cairo.pdf> Acesso em: 18/02/2021.

CRUZ. S. H.CH.C. Os Arquétipos Junguianos Anima e Animus e seu balanceamento através da Arte. Revista de Arteterapia. São Paulo – AATESP, v.4, n.2, 2013. Disponível em: < https://www.aatesp.com.br/downloads/revista_v4_n2.pdf > Acesso em: 18/02/2021.

DOCUMENTÁRIO DE FRIDA KAHLO. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?time_continue=529&v=AZT-kRN2hCM&feature=emb_logo > Acesso em: 13/07/2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Histórico. Disponível em: www.eb.mil.br/. Acesso em: 16/04/2021.

HERRERA, Hayden. Frida: **A biografia**. Biblioteca Azul. Outubro 2011.

KAHLO Frida. Disponível em: <<https://verfilmeshd.gratis/frida-dublado-online/#.XryZghOuvYY.whatsapp> > Acesso em: 13/07/2020.

KARNAL Leandro. A MULHER NA HISTÓRIA. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-V2VKvISz0&feature=youtu.be> > Acesso em: 12/09/2020.

RIBEIRO, Maria Izabel. **Tarsila do Amaral**. 1. Ed. – São Paulo: Folha de S. Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2013. 93p.:color.;29,cm. – (Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros; v. 3) Biografia: p.93. 1956.

ROCHA-COUTINHO, M. L.. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco. (1994)

——— **A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites**. Em de Souza, L.; de Freitas, M. F. Q.; Rodrigues, M. M. P. (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im) pertinentes* (pp. 317-346). São Paulo: Casa do Psicólogo. (1998).

——— **Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida**. Em Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 122-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. (2005).

MARTINS Raimundo; TOURINHO, Irene. **Culturas das Imagens: desafios para a arte e a educação**. Editora UFSM, 2012.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL-ONU BR. A Agenda 2030. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 16/04/2021.

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO DE 2020. Genebra, Suíça. Disponível em: <<http://wef.ch/gggr20>> Acesso em: 16/04/2021.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Profissão Artista: **Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. Fapesp, 2008.